

## DESIGN DE/NA FRONTEIRA: explorando caminhos com o ecossocialismo e o contracolonialismo

*DESIGN FROM/ON THE BORDER: searching paths with ecosocialism and countercolonialism*

FIGUEREDO, Taís Carneiro; Mestranda; Universidade Federal do Maranhão

tais.cf@discente.ufma.br

PORTELA, Imaíra; Doutora; Universidade Federal do Maranhão

imaira\_medeiros@hotmail.com

NORONHA, Raquel Gomes; Docente; Universidade Federal do Maranhão

Raquel.noronha@ufma.br

### Resumo

A prática, a pesquisa e o ensino contemporâneos do design ainda se alicerçam, hegemonicamente, em consonância com o capital. Os pressupostos dos quais partimos, como a própria ideia de projeto, de processo criativo e de fazer as coisas, são afixados a padrões de discursos e lógicas dominantes. Em contraproposta, o presente artigo busca aliar uma construção de mundo ecossocialista com perspectivas de design orientadas à superação do Antropoceno. Assim, a partir do acionamento de conceitos relacionados à estas questões, busca-se, como resultado, a construção especulativa da ideia de um design de fronteira, que pode contribuir para outras formas de pensar, fazer, consolidando mudança sistêmica que acolha outras cosmovisões e que permita a continuidade e a permanência das mais diversas formas de vida no planeta.

**Palavras Chave:** designs outros; ecossocialismo; design de/na fronteira.

### Abstract

*Contemporary design practice, research and teaching are still hegemonically based on capital. The assumptions from which we start, such as the very idea of design, the creative process and making things, are attached to dominant discourses and logics. In contrast, this article seeks to combine an ecosocialist world construction with design perspectives aimed at overcoming the Anthropocene. Thus, by activating concepts related to these issues, the result is the speculative construction of the idea of frontier design, which can contribute to other ways of thinking and doing, consolidating systemic change that welcomes other worldviews and allows the continuity and permanence of the most diverse forms of life on the planet.*

**Keywords:** other designs; ecosocialism; design of/at the border.

## 1 Introdução

Em tempos de disputas narrativas sobre as mudanças climáticas e as insustentabilidades do Antropoceno, encontram-se modos de ação que podem ser interpretadas como resistências à normalização da catástrofe. Preciado (2023), Danowski e Viveiros de Castro (2017) e Tsing *et al.* (2017) tratam destas (im)possibilidades de se viver por entre as ruínas e ressurgir por meio de alianças. Partindo desta premissa do ressurgimento, colocamos em epígrafe, neste artigo, a possibilidade da aliança entre design e ecossocialismo, como meio para friccionar o paradigma petrossesoracial moderno, termo cunhado por Preciado (*op.cit*) para se referir às diversas opressões que constituem a modernidade: o alicerce na produção e uso de combustível fóssil causando o impacto ambiental e a insustentabilidade; os processos de engendramento e racialização que criam hierarquias, possibilidade e impossibilidades dependendo em que lugar nos posicionamos neste jogo.

Assim, temos o cenário da colonialidade, que reverbera em nossas formas de ser, como apontado por Mignolo (2015), e também em nossas formas de saber, orientando nossas práticas, formas de ensinar e aprender, de forma geral, e no design, a epistemologia moderna que orientou o paradigma moderno e racional que constitui o campo. Nossa motivação para este debate – de se pensar o design caminhando com o ecossocialismo – justifica-se como uma contribuição para pensar modos de se fazer, pensar e ensinar design em contexto de vulnerabilidade social, superando a dicotomia dentro e fora. Estar na fronteira é estar em disputa, em negociação.

Por capitalismo, entende-se um processo produtivo que, para completar seu ciclo de acumulação, desapropria e explora pessoas, e faz a mercadoria mais valia fazer uso da própria vida - humana e outras mais - para gerar riqueza. Karl Marx (1818-1883) explicou a forma de atuação e as consequências do capital na sociedade (Marx, 1987), e desde os escritos de 1844, ele já havia pontuado que para alcançar uma sociedade de fato igualitária era necessário uma mudança completa nas formas de propriedade e meios de produção (Grespan, 2021).

Após Marx, alguns autores conseguiram propor transformações sociais e até revolução, como foi o caso de Lênin na Rússia; Mao-Tse Tung na China; Che Guevara em Cuba; assim como Samora Machel em Moçambique; Agostinho Neto em Angola e Thomas Sankara em Burkina Faso (Manoel e Landi, 2020). Porém, em decorrência da instabilidade institucional parlamentar; com golpes de Estado que muitas dessas repúblicas sofreram ao adotar o socialismo como medida social, institucional e política, pouco se sabe hoje das condições produtivas e educacionais diferentes que esses países propuseram ou conseguiram alcançar.

Por estrutura produtiva diferente, entende-se, a partir de Saito (2021), uma forma de obtenção de produtos que respeite os ciclos sócio metabólicos da vida. Logo, encontra-se o ecossocialismo, que já está presente em comunidades tradicionais, indígenas e ecofeministas, que já atuam por meio de seus princípios, ou mesmo os discutem, fazendo uso da matéria-prima e mão-de-obra de forma menos danosa ou mais harmoniosa com a natureza, respeitando os seres humanos e outras vidas nesse processo, ao entender que também somos natureza (Salleh, 1992; Bicalho, 2018).

Neste caminho, a cultura está diretamente ligada a essas formas de produção, que são fruto da gestão de nossas instituições, e também pelo caminho contrário, nossas instituições são fruto de determinado tipo de produção (Ribeiro, 1975). Neste sentido, a problematização proposta neste artigo é de que a cultura do design no Brasil pode ter outras conotações ao caminhar com filosofias

e formas de fazer que carregam em seu bojo valores diferentes aos já estabelecidos pelo tradicional mercado atuante que, com produtos tecnológicos em molde eletrônico, visualmente contemporâneos em termos de design, mantém o resultado da venda destes produtos restritos a uma única classe, a burguesia, também conhecida como classe dominante.

Assim, questionamos: o que pode vir a ser considerado comum por designers advindos de outra estrutura social e que projetam produtos com valores diferentes ao estabelecido pelos modelos europeus e norte americanos de desenvolvimento, e que ainda estão em construção em países latino-americanos, africanos e asiáticos? O objetivo deste artigo é apresentar o ecossocialismo e abordagens de design latino-americanas que visam à emancipação social, por meio de valores específicos e localizados nas visões de designs outros, para então propor uma visão de Design de/na Fronteira, como espaço privilegiado do embate estas visões e o que chamamos de design tradicional, aquele vinculado ao pensamento moderno.

Neste processo, este estudo apresenta no segundo item seu método, de abordagem qualitativa, pesquisa exploratória com levantamento bibliográfico; no terceiro item apresenta-se a trajetória ecossocialista e dentro dele, traz-se raciocínio crítico sobre a Universidade latino-americana para abordar suas crises em ponto que relaciona com ecossocialismo; no quarto item apresenta Designs Outros como forma de evidenciar designs que propõem modelos latino-americanos de produção que se afastam do Capitalismo; no quinto, apresenta-se a proposta de um Design de Fronteira como resultado do entrelaçamento das relações entre design e ecossocialismo, este que pode embasar outros mundos possíveis, como aciona Arturo Escobar (2022) sobre o pluriverso. No sexto e último item desta pesquisa, temos considerações finais, com análises sobre o debate realizado.

## 2 Metodologia

Dentro do conhecimento científico, seu método pode ser formalizado pelo tipo de pesquisa ou abordagem. Aqui, a abordagem da qual faremos para compor nosso método é qualitativa.

Neste sentido, Suassuna (2008) faz relação da pesquisa qualitativa na Ciência Social e na Ciência Natural, nas quais as duas não possuem a mesma natureza. Na Ciência Social, seu objeto de estudo é histórico, mutável e dinâmico, valores que podemos atribuir ao ecossocialismo e ao estudo de Designs Outros e Design de/na Fronteira, uma vez que eles ocorrem em pontuação social, cultural e territorial.

E ainda, o objeto de investigação aqui é o próprio design enquanto ciência que se configura em instituições de ensino e em práticas de comunidades autônomas, com a proposição de pensar um design fora da estrutura capitalista. Dentro disso, trazer o questionamento das instituições universitárias e comunais, comunitárias, sobre análise crítica de produção, seja de conhecimento científico como de bens, produtos e serviços, exige investigação histórica.

Para realização da abordagem qualitativa, faz-se uso da pesquisa exploratória, da qual Gil (2008) esclarece que “este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis” (Idem, p.27), compondo com procedimento documental bibliográfico sistemático que ocorre ao trazer autores previamente escolhidos pelas pesquisadoras. Como se salienta, na pesquisa exploratória é comum o procedimento ser documental e bibliográfico pela falta de materiais observáveis sobre ele.

### 3 Ecosocialismo

Algumas teorias e vivências socialistas trouxeram proposta sobre o trabalho que humaniza e o trabalho que aliena, ao ponto de se aproximar, nesta análise, humanismo com naturalismo. Neste entendimento, toda e qualquer atividade humana alienada de seu trabalho consegue desumanizar as consequências próprio trabalho e as pessoas que fazem parte dele, ou seja, a transformação da matéria em produto torna-se uma prática inconsciente e inconsequente do fato de que essa matéria pode, muitas vezes, não voltar aos ciclos da vida na terra (Grespan, 2021).

O trabalho que humaniza acontece de forma não alienada no processo produtivo, de forma que o humano tende a respeitar a própria vida e outras mais quando fora deste estado, e neste sentido, a natureza também ganha respeito pelo cuidado com seu tempo de regeneração. A questão recai sobre uma base sólida de não ruptura com os ciclos sócio metabólicos, “assim, os humanos não podem transcender a natureza; eles realizam com ela uma unidade mediada pelo trabalho” (Saito, 2021, p.88). Porém, nossas vivências perante a crise ambiental, climática e social, salientam que a humanidade ainda precisa caminhar alguns passos para estreitar a relação humanismo com naturalismo.

O ecosocialismo pode ser uma resposta nesta construção e o conceito vem sendo discutido desde a década de 70. Dividido em estágios de interpretação da obra de Marx em sentido sócio ambiental, assim como dividido em proposição de ações efetivas, o ecosocialismo ganha corpo com as colaborações de autores como Michael Löwy (2014), Nancy Fraser (2021), Sabrina Fernandes (2021, 2023, 2024), Koei Saito (2021) e outros mais.

Por conseguinte, Saito (2021) apresenta resposta de que “Marx não era um Prometeu da fé acrílica no desenvolvimento eterno da indústria” (Idem, p.10). Os escritos de Marx d’O Capital que se aproximam da teoria de ruptura metabólica do planeta, evidenciados por Koei Saito (2021), estão na teoria da alienação e na formulação do método científico do materialismo histórico e dialético, mostrando que a análise para possibilitar mudança social e produtiva está na formação materialmente histórica da civilização.

Por outro caminho, Michael Löwy (2014) também traz para seu argumento ecosocialista a construção de um novo tipo de civilização, que se faz não apenas trazendo as teorias de Marx e Engels sobre a formação do capital e entendimento da luta de classes na sociedade, mas também se faz por análise ecológica com aproximação socialista, considerando as formas de luta social que essas análises podem provocar. É a hora “de unir o verde da ecologia com o vermelho do socialismo” (Idem, p.49), sem deixar de lado a importância de Karl Marx com a concepção de alienação (Marx, 1844) e de Friedrich Engels com a Dialética da Natureza (Engels, 2020) que compõem raciocínio crítico ecosocialista.

Löwy (2014) exemplifica essas formas de luta com o caso de Chico Mendes no Brasil, que conseguiu unir forças com trabalhadores que vivem de extração como seringueiros, produtores de juta, castanha, coco babaçu; comunidades indígenas; mulheres trabalhadoras de vilarejos; ribeirinhas e grupos camponeses, que originou a Aliança dos Povos da Floresta com o objetivo de defender a terra que lhes oferece sustento. Em uma construção histórica, esses grupos de trabalhadores brigavam entre si, mas Chico Mendes conseguiu unir a classe por um bem comum, a preservação da Amazônia, propondo a criação das reservas extrativistas em colaboração coletiva. “A solução proposta, uma espécie de reforma agrária adaptada às condições da Amazônia, é de inspiração socialista, posto que se baseia na propriedade pública da terra, e no usufruto dos trabalhadores” (Löwy, 2014, p.15). Chico Mendes deu base para um “‘sonho de olhos abertos’, um sonho que teima em acontecer: um mundo igualitário, que socialize suas riquezas materiais e

culturais”<sup>1</sup> (op.cit, p.19).

Anos depois, já no século XXI, o estado de crise vem se acentuando tanto em sentido ambiental quanto social. Fernandes (2023) ressalta que o que mais assusta nesse momento é a possibilidade da perda, cada vez maior, de nossas estruturas materiais para possibilitar mudanças. E mesmo que uma revolução aconteça neste cenário, viver o socialismo em um planeta arrasado não faz sentido (Fernandes, 2021).

Em sequência, Fraser (2021) argumenta que em cenário de crise, podendo esta ser desenvolvimentista ou epocal, redesenhar “divisões constitutivas do sistema entre produção de mercadoria e reprodução social” (Idem, 2021, s.p) em nada muda o cenário que se apresenta. A afirmação da autora está relacionada ao fato de que o capitalismo não consegue controlar a temporalidade da reprodução ecológica e a partir disso, “é sensato falar de esferas ‘relativamente autônomas’ ou ‘não econômicas’” de reprodução da vida (Fraser, 2021, s.p).

Por crise, diz-se de uma condição que apresenta acentuadas experiências climáticas e sociais de desigualdade, interpretadas aqui como consequência direta da maximização dos lucros. Em sequência e observando Brasil no contexto, que tem apresentado variações de densidade nos índices pluviométricos e consequentes enchentes catastróficas, como as que ocorreram nos Estados da Bahia em 2021 (Fernandes, 2024); do Amazonas em 2022 (Governo do Estado do Amazonas, 2022); do Maranhão em 2023 (G1 MA, 2023); e mais recente, no Estado do Rio Grande do Sul, em maio de 2024 (Adapta Brasil, 2024).

Estas tragédias ecológicas que deixam milhares de pessoas em estado de vulnerabilidade, sem moradia e insegurança alimentar, parecem apresentar pouca relação com o tipo de produção e distribuição de bens, produtos e serviços desses territórios, ou melhor dizendo, parecem não apresentar relação com o capitalismo. Porém, analisando a situação do Rio Grande do Sul, onde investimentos em infraestrutura pública foram negligenciados pela gestão governamental, que dentro de um tipo de administração do pós desastre escolheram realocar recursos públicos para empresas privadas estrangeiras ou grandes corporações brasileiras (Fernandes, 2024). A produção de bens, produtos e serviços fica então restrita aos meios de produção privada que recebem benefício do estado liberal para acontecer, que tem como uma das consequências sociais, a perda de autonomia da população que ali vive.

Neste entendimento, Fletcher (2015) aborda a questão do capitalismo do desastre, que dentro de um arcabouço neoliberal, faz girar a roda da concentração de riqueza e capital quando desastres climáticos extremos fazem um tipo de varredura em determinada área. A partir disso, se faz necessário contextualizar medidas públicas de reconstrução desses espaços como forma de evitar políticas que favoreçam o desenvolvimento dependente de petróleo e da lógica de governar com o agronegócio (Fernandes, 2024).

E aqui se faz possível, e até necessário, abraçar a educação como instrumento de mudança e assim, o ecossocialismo exige um tipo crítico de educação ambiental, visando sua concretização. Bomfim (2022) defende o fato de que somente através de uma educação crítica será possível romper o ciclo de acumulação do capital, este que por vezes ultrapassa os limites da natureza e nela, ultrapassa os limites da própria vida. Em um mundo de recursos naturais finitos, uma educação ambiental crítica abre as possibilidades para uma verdadeira revolução, e não para reformas, pois “é a perspectiva do conflito que pode garantir o movimento da crítica, que buscará o conhecimento

---

<sup>1</sup> Citação realizada na Conferência “Dilemas da Humanidade”, organizada pelo MST em parceria com a UFRJ em junho de 2004 (Löwy, 2014).

pela investigação, pelo desvelamento, pela denúncia” (Bomfim, 2022, p.7 e 8).

Deste modo, o ecossocialismo não se trata apenas em assumir o aparelho capitalista de Estado e fazer dele uma posse para o povo, mas sim está em demolir o já existente e transformar radicalmente esta forma de produção, fazendo do Estado um aparelho político diferente, democrático e não estático (Löwy, 2014, p.75). Com a nova crise ecológica emergindo a cada período nos últimos anos, assim como as acentuadas crises sociais de poder que se manifestam em nosso entorno e somos afetados por eles, nosso senso de urgência muda e corrobora pautas de povos ou grupos marginalizados. Somos nós na economia não compartilhada pelo mercado; no ecofeminismo; é sobre as sociedades autônomas; grupos de trabalho e de luta social LGBTQIAPN+ e negros; quilombolas; de povos ribeirinhos; que se estabelece relação para transformação (Fernandes, 2021, 2023, 2024).

Neste contexto, o design, que Noronha (2024) considera como filho dileto da modernidade ilustrada e que em sua narrativa mítica privilegiou o imaginário petrossexoracial moderno (Preciado, 2023), necessita de uma superação e reelaboração crítica de seu legado opressor de outras cosmovisões que constituem o mundo em que vivemos. No item a seguir, apresentamos abordagens de design que, a partir de suas filosofias, mantém-se na resistência à naturalização da subalternização e precarização de vidas, evidenciando valores voltados ao respeito à terra, forma de produção pouco industriais, em que os requisitos de projeto de produto colaboram com a vida nas mais diversas necessidades de sua existência, considerando aqui cultura como parte determinante de um arcabouço para composição destes requisitos.

#### 4 Designs Outros

Em Vkhutemas. Desenho de uma Revolução (Lima e Jallageas, 2023), a história do ateliê superior que deu suporte para o design na Rússia dos anos 1917, que em meio a Guerras Civil e 1ª Guerra Mundial, assim como, marcados pelas revoluções de Outubro de 1905, fevereiro de 1917 e a de outubro do mesmo ano (op.cit, p.25), o povo Russo reagiu de diversas formas, e em âmbito artístico, os movimentos foram complexos. A instituição Vkhutemas, que na tradução é chamada de ateliê, nasce ao redor do governo central bolchevique que detém o poder em 1917 e trabalha “(...) com o surgimento do conceito de design, com a quebra radical de cânones na arquitetura, bem como na metodologia de ensino desses saberes” (op.cit, 2023, p.26). E mesmo com sua aproximação com a Bauhaus enquanto escola de ensino superior, o Vkhutemas tem protagonismo singular por ter tido seu trabalho voltado ao campo teórico, técnico e também na arena pública, objetivando uma mudança social efetiva (op cit).

Em continuidade, embora houvesse um design brasileiro antes do design (Cardoso, 2005) institucionalizado, a noção moderna de design foi construída no Brasil (e na América Latina) em uma relação de desligamento com o fazer. A tradição Ulmiana importada para o Brasil (Anastassakis, 2011; Cardoso, 2012; Souza, 1996; Souza Leite, 2011) ainda que com conflitos e resistências, acaba por estabelecer uma hierarquia entre a visão de projeto e a relação mais estreita com as coisas criadas, o fazer. De um lado, os que criam/projetam, de outro, os que executam. E assim também se funda o campo acadêmico do design, que se constitui como uma ciência do fazer, colocada em um patamar inferior aos das ciências do pensar, como reflete Buchanan (2001).

Em um projeto de país que desejava criar um parque industrial e uma produção de manufaturas, fortalecendo a economia nacional, o Design Brasileiro (com letra maiúscula, o institucional) enseja-se como uma promessa para o desenvolvimento econômico da nação. O modo

de pensar projeto operante privilegia a indústria, a produção em massa, o desenvolvimento, o projeto. É neste mito que operamos, em diálogo com a ideologia petrossexoracial moderna, como nomeia Preciado (2023) ou o inconsciente colonial-capitalístico de Suely Rolnik (2018). Ambas formas de nomear o sistema mundo ocidental e suas opressões, baseadas no consumo de combustível fóssil, racializada, patriarcal e misógina, e antívida.

Na intenção de subverter esta lógica, propor outras alternativas e nos reaproximar de uma prática do design que privilegie conhecimentos, fazeres, saberes não hegemônicos e que se conecte com as realidades locais, apresentam-se as propostas de Designs outros.

#### 4.1 Design ontológico

O design ontológico pensado por Arturo Escobar (2016) intenta uma transformação radical nas relações entre humanos, natureza e tecnologia. É uma prática que reconhece e trabalha com as diferentes ontologias - entendimentos fundamentais do ser e da realidade - presentes em diversas culturas e contextos. Ele atua como uma resposta às crises globais contemporâneas, como as crises ambientais, sociais e econômicas, a partir de uma prática ética e política capaz de reimaginar as relações humanas com o mundo natural e entre si.

Além disso, Escobar defende que o design ontológico deve ser uma prática participativa e colaborativa, envolvendo comunidades locais e outros atores relevantes na co-criação de soluções que atendam às suas necessidades específicas. Isso não apenas fortalece a resiliência local, mas também contribui para uma governança mais democrática e inclusiva dos processos de design e desenvolvimento.

Para Escobar (2026), as narrativas da transição e do design para a transição e do design ontológico devem entrar em diálogo inter epistêmico com as experiências nas quais estão situados. No sentido da participação, cada grupo deve abordar o processo a partir dos seus próprios recursos e circunstâncias históricas.

Uma questão contraditória que permeia a concepção do design de transição é a vinculação com pautas do Norte Global. Neste sentido, Irwin (2015) e Gaziulusoy (2015) conceituam o *Transition Design* que, apesar de orientado à sustentabilidade, ainda é pautado em uma visão orientada ao mercado massivo. Irwin (2015) aborda nesta construção científica do design “que são necessárias visões mais convincentes e orientadas para o futuro para informar e inspirar projetos no presente e que as ferramentas e métodos de design podem ajudar no desenvolvimento dessas visões” (Irwin, 2015, p.233). Defendendo que só mudaremos as nossas ideias a partir da nossa própria mudança, para então alcançar um entendimento para transformação social.

Escobar também pontua que o pensamento crítico latino-americano está em um entrelaçamento de três tópicos: pensamento à esquerda, o pensamento autônomo e o pensamento da Terra. Os tópicos se sobrepõem, sem dúvida, mas também são diferentes.

A preocupação da esquerda pela exploração, dominação, desigualdade e justiça social são importantes; no entanto, o pensamento da esquerda permanece em grande parte antropocêntrico, patriarcal e universalizante e sua visão da transição para o socialismo ou pós-capitalismo é limitada e limitadora aos interesses da classe dominante, que dentro de uma dialética, continua a estruturar seus valores e aplicar suas formas de obtenção de riquezas em sociedade.

O autor defende que todo pensamento de transição tem que desenvolver essa harmonia com a Terra como um processo de tecelagem coletiva; o projeto histórico mais viável para a "humanidade" neste momento é desenvolver um sentido plural de transições civilizacionais que

contemplem - cada um à sua maneira - a libertação da Mãe Terra. Em outras palavras, um sentido plural de transição é necessário para avançar em direção ao 'pós-humano', superando a visão moderna e humanista de que estamos acima da natureza.

## 4.2 Designs do sul

Alfredo Gutierrez Borrero vincula o sul do design e o design do sul. Nesta via, o sul emerge como uma fronteira onto-epistêmica de onde podem surgir teórico-práticos de um design pluriversal, que coexiste com a civilização industrial. Em contraste com muitas práticas de design do norte, com sua orientação instrumental e comercial, esses projetos articulam designs viáveis de mundos comunais, onde a comunidade praticaria design a partir de conhecimentos locais. Os conhecimentos e ontologias do sul atuam como um sistema operativo alternativo que permite formas autônomas de design. Essa espécie de design anti-industrial, de "ressurgimentos" do Sul, propõe um design para convivialidade.

Na convivialidade, designers profissionais, seja no norte ou no sul do mundo, articulariam a capacidade reconhecida de todas as pessoas de modificar seus ambientes com suas próprias habilidades de design. Para o autor, há também que se observar como as próprias profissões são artefatos projetados a partir da matriz civilizacional ocidental e, no surgimento de abordagens de design de outras tradições não ocidentais de pensamento e ação levaria a um redesenho do próprio design.

Portanto, reconhecer um design que surge das partes subalternizadas das geografias do pensamento e do território, possibilita uma prática que substitui apenas abordagem técnica como um valor material, abraçando demandas, visões de mundo, modos de fazer e pensar que estão pautados a partir dos territórios. Assim, é possível caminhar para horizontes onde o produtivismo não é imperativo.

## 4.3 Design Sentipensante

Em diálogo com o pensamento de Escobar e de Alfredo Borrero Gutierrez, Maria Cristina Ibarra (2021) propõe a noção de um design sentipensante, considerando também o enfraquecimento das hierarquias presentes nas dicotomias estabelecidas pelo projeto de modernidade. A proposta de um design sentipensante visa a reflexão e da construção de um design além do racionalismo, "em que o corpo, as emoções, os mais-que-humanos e os sujeitos são valorizados mais ou igualmente que a mente, a razão, os humanos e os objetos. Cria-se, entre estes binários, uma relação de complementaridade, e não de hierarquia." (Ibarra, 2021, p. 333). Ibarra sugere que esta visão de design nasce na América Latina, em consonância com os interesses do território e em negação aos interesses das elites.

A autora indica qual seria a postura de um designer sentipensante: que pretende deixar-se afetar pelo mundo, pela situação, que se envolve na luta com os grupos com os quais trabalha, contribuindo para a realização de transformações nestes grupos; que estabelece diálogos efetivos, que dá novo sentido às ferramentas metodológicas utilizadas adequando-as às realidades dos grupos; que desenvolve atitudes de aprendizagem e respeito pela experiência de vida dos grupos, assumindo posições éticas que equilibram o ideal com o possível; que percebe a natureza como algo vivo e do qual fazemos parte, sem uma relação de controle, mas de complementaridade.



## 5 A fronteira como lugar de fricção

O conceito de fronteira é abordado amplamente nos campos da geografia, história, sociologia e demais ciências sociais. Não é intenção desta discussão trazer à tona uma revisão genealógica do termo. Contudo, cabe trazer desses campos de estudo a noção da fronteira como um espaço em que as diferenças e as relações de poder são enfatizadas, uma zona colonial onde operam "frentes de expansão/colonização, zonas de contato/conflito, relações entre identidade e diferença ocorridas em determinadas regiões dos territórios nacionais e com grupos étnicos específicos". (Cardin, Albuquerque, 2018).

Como um conceito político, a fronteira surge a partir de um pensamento positivista e que entra na Geografia ratzeliana sendo parte de um organismo maior que é o Estado. A fronteira, no caso, é a membrana da célula que limita, confronta com outra; é a parte mais sensível do Estado. Com a emergência do pensamento "crítico" na Geografia e a incorporação de uma leitura marxista que privilegiou a instância econômica, o espaço passou a ser explicado como resultado daquela instância e a fronteira, agora econômica, por sua vez, aparece como um espaço a ser envolvido e transformado pela forma hegemônica de organização produtiva a partir da exploração econômica das terras (...) Confins, limites, margens, periferia, e outras referências espaciais que se contrapõem a um centro, à uma centralidade construída a partir de um domínio territorial (...) Essencialmente relacional, a fronteira é, regra geral, um espaço definido pelo outro que está num centro (etnocêntrico), sendo portanto, subordinado (Nogueira, 2007).

Marcada pela diferença, pela Outridade (Hall, 2003), a fronteira pode ser entendida como um lugar de fricção, onde o jogo das relações de poder está em curso. Nesta disputa, há possibilidade de avanço e de recuo. No exercício de adiar o fim do mundo (Krenak, 2019) e combater o projeto "defuturizante" da colonialidade e do capitalismo, Tony Fry (2017) vê nas *borderlands* a possibilidade de transformação ontológica do design, pois estes são espaços que resistem ao modelo colonial, modernizante, capitalista e produtivista de produzir o mundo.

Ao visitarmos essas abordagens de design outros, que afastam-se do mito paradigmático do design moderno em suas opressões e apagamentos, vislumbramos que uma transição a estes modos de se fazer e pensar design não será um processo sem mudanças radicais e portanto, sem luta e conflito. Ao vivenciarmos designs outros em campo, com grupos vulnerabilizados, em pesquisas do grupo de pesquisa X, que pelo escopo deste artigo e viés teórico não serão aprofundadas aqui, percebemos que a superação de marcas coloniais, racistas e patriarcais estão entranhadas no *modus operandi* produtivo de tais grupos. Em seus cotidianos, estão engendrados em ritmos, condicionamentos e armadilhas coloniais (Noronha, 2024; 2018) que impossibilitam a ruptura com a produção capitalista que os coloca como subservientes ao mercado e têm sua vida e criatividade cooptadas pelo inconsciente colonial-capitalístico, como nos adverte Rolnik (2018) e observamos pouca margem para a superação desse estigma.

Essa impossibilidade, que se materializa como a imposição de padrões estéticos, a omissão das identidades locais em prol de padrões globais, representam aquilo que Thomas Kuhn (1975) menciona em relação aos choques de paradigmas. Na visão do autor em seu clássico estudo sobre as revoluções científicas, nenhum paradigma supera o outro sem fricções e disputas. Noronha e Furtado (2021) debatem a sobreposição dos paradigmas Antropocêntrico e Biocêntrico como este momento atual em que o design busca a superação do legado capitalista para assumir novos valores e éticas possíveis, aprendendo com as outras vidas que permeiam o planeta.

"A terra dá, a terra quer": o chamado atencioso ao que fornece e pede a terra em obra homônima de Antônio Bispo dos Santos (2023) nos aponta um caminho em combate ao que ele define como cosmofofia. Para o autor, a cosmofofia "é responsável por esse sistema cruel de

armazenamento, de desconexão, de expropriação e de extração desnecessária", é também "a necessidade de desenvolver, de desconectar, de afastar-se da originalidade" (Santos, p.27, 2023). Ela é o "medo", é uma doença para a qual não existe cura, apenas a imunidade.

Para Santos, a imunidade à cosmofobia é a contra colonização. Na intenção de combatê-la, logo em seu primeiro capítulo, o autor nos convida a semear palavras, no entendimento de que para enfraquecer as palavras do colonizador, do pensamento eurocristão monoteísta, é necessário fortalecer outras palavras.

Neste movimento, Santos propõe que para enfrentar a sociedade colonialista, é preciso "transformar as armas dos inimigos em defesa". Para isto, é necessário "transformar a arte de denominar em uma arte de defesa", ou seja, é necessário denominar também. Ao jogo de contrariar os conceitos coloniais de modo a enfraquecê-los, ele iniciou o que chama de *guerra das denominações*.

Na ordem da linguagem, bell hooks (2016) e Lélia Gonzalez (2020) também discutem sobre o uso da língua como forma de aprisionamento e subversão. bell hooks discute como o aprendizado e domínio da língua do opressor é uma arma para organizar a luta. A estratégia colonizadora de desterritorializar, separar e agrupar pessoas de diferentes territórios de África nas colônias serve em primeira instância para desorganizar o combate. Como forma contra-estratégica, a autora cita um poema de Adriene Rich, "Esta é a língua do opressor, mas eu preciso dela para falar com você" (hooks, 2016). Sem domínio da língua, não há como organizar, combater. Santos também aponta esta estratégia colonizadora:

Tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome. O processo de denominação é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta. (Santos, p.12, 2023)

No intuito de usar a língua como defesa, mas também como combate, Lélia Gonzalez (2020) reconhece no português falado no Brasil a marca de africanização, o que ela denomina como Pretuguês. Estas marcas podem ser encontradas em diversas palavras de origem da cultura banto, como: bunda, marimbondo, samba, batuque, entre outras. Esta influência na língua, na visão da autora, aponta para uma subversão. Nesta subversão, o domínio da língua não pertence ao opressor.

A proposta de Santos, em *confluência* com as visões de Gonzalez e hooks, nos instiga a pensar nas denominações coloniais do design: uma disciplina que em última instância nasce com um ideal moderno, universalizante, de simplificação da forma com viés supostamente neutro (Noronha, 2024), que defende a funcionalidade e a produtividade em primeiro lugar e que na prática tendeu a apagar formas de produção locais, artesanias, modos de fazer e de estar no mundo que não se encaixam neste modelo. Este design moderno e o legado deixado por ele foi, e ainda é, uma importante ferramenta para fortalecer o capitalismo.

O Bem Viver apresentado por Acosta (2016) também nos convida a imaginar outros mundos. Semeando palavras como e práticas em "harmonia com a Natureza, reciprocidade, relacionalidade, complementaridade e solidariedade entre indivíduos e comunidades", o Bem Viver questiona o conceito eurocêntrico de bem-estar. "É uma proposta de luta que enfrenta a colonialidade do poder" que confluência com as cosmovisões indígenas andinas e amazônicas, mas também ecoa práticas de diversas partes do mundo, inclusive da cultura ocidental, como os ecologistas, as feministas, os cooperativistas, os marxistas e os humanistas.

Está entre nós, no Brasil, com o teko porã dos guaranis. Também está na ética e na filosofia africana do ubuntu – “eu sou porque nós somos”. Está no ecossocialismo, em sua busca por ressignificar o socialismo centralista e produtivista do século 20. Está no fazer solidário do povo, nos mutirões em vilas, favelas ou comunidades rurais e na minga ou mika andina. Está presente na roda de samba, na roda de capoeira, no jongo, nas cirandas e no candomblé. Está na Carta Encíclica Laudato Si’ do Santo Padre Francisco sobre o Cuidado da Casa Comum. Seu significado é viver em aprendizado e convivência com a natureza, fazendo-nos reconhecer que somos “parte” dela e que não podemos continuar vivendo “à parte” dos demais seres do planeta. A natureza não está aqui para nos servir, até porque nós, humanos, também somos natureza e, sendo natureza, quando nos desligamos dela e lhe fazemos mal, estamos fazendo mal a nós mesmos. O Bem Viver recupera esta sabedoria ancestral, rompendo com o alienante processo de acumulação capitalista que transforma tudo e todos em coisas (Acosta, 2016, p.14).

No exercício de pensar outras denominações para o design, ou outras possíveis confluências, nos fortalecemos nas associações com os designs outros apresentados no item 4 e nas possíveis aproximações entre o design e a *práxis* ecossocialista. Todas estas visões nos dão suporte para então propor uma outra denominação: o que desejamos chamar de Design de/na Fronteira.

Em contraposição ao humanismo e ao desenvolvimento, na visão de Santos, temos a possibilidade da fronteira. O autor discute os conceitos colonizadores de humanismo e desenvolvimento (palavra defendida pelo capitalismo e pelo design que nas últimas décadas se aliou à palavra sustentável em uma tentativa de aplacar o dano à natureza que o desenvolvimento causou) como visões do ser humano como criador e não criatura. Para ele, o antídoto ao humanismo são os diversos, ou cosmológicos, ou orgânicos. Enquanto os humanos transformam o que é orgânico em sintético, "os orgânicos querem apenas viver como orgânicos, se tornando cada vez mais orgânicos. Para os diversos, não se trata de desenvolver, mas de envolver. Enquanto nos envolvemos organicamente, eles vão se desenvolver humanisticamente" (Santos, 2023, p.30).

Não se trata de um pensamento binário, mas de um pensamento fronteiriço. Nunca vamos atravessar para o lado do humanismo, mas também nunca vamos querer que o humanismo atravesse para o nosso lado. Também não queremos que ele deixe de existir, só queremos que haja respeito e diálogos de fronteira. A humanidade está aí, não vamos matar a humanidade. Mas como vamos nos relacionar com ela? Estabelecendo fronteiras. Pode ser que, no futuro, como a fronteira é um território movediço, elástico, a gente avance quando eles recuarem, ou pode ser que a gente recue quando eles avançarem, mas sem chegar ao limite. Nós pensamos sempre na circularidade, quebrando o monismo, a dualidade e o binarismo. (Santos, 2023, p.31)

Outras visões acerca do design na margem e nas bordas já foram discutidas (Portela *et al.*, 2022; Batista, 2022) Estas palavras vêm sendo semeadas por pensadoras brasileiras que, em suas pesquisas, propõem uma *práxis* de design a partir da periferia. Neste entendimento, trabalham com comunidades ou grupos vulnerabilizados pelo Estado, esgarçando a compreensão de centro *versus* periferia para além de uma noção verticalizada, que entende centros e periferias como territórios fixos. O jogo apresentado por elas compreende estes espaços de um modo mais alinhado ao que Freire (2020) aponta como contradição entre opressor e oprimido, entendendo que em um mesmo espaço, ou mesmo sujeito, estas noções convivem.

A noção de Sul encontrada em Gutierrez Borrero pode nos ajudar a refletir sobre estas contradições e assimetrias nas relações de poder entre centro e periferia. Para ele, no sul cabem praticamente todas as construções geográficas e epistêmicas humanas, são partes distantes dos locais onde ocorre a ação organizadora: neste caso há um sul cultural em todas as cidades e comunidades invisibilizadas no âmbito do planejamento territorial no mundo e isto é produzido pela

maneira como estas realidades são mapeadas e por quem detém o poder narrativo sobre estas denominações. Também há um sul social que inclui as pessoas mais desfavorecidas, mesmo dentro os próprios núcleos internos (mulheres, grupos humanos não-brancos, idosos, pobres, etc.) e ainda um sul psicológico dentro de cada indivíduo (sua dimensão emocional versus sua dimensão racional, etc.); todos esses sulistas teriam em comum serem considerados partes secundárias (Gutierrez Borrero, 2015)

O pensamento sobre a *outsider within* apresentado por Portela (2022) nos convida a pensar sobre as forasteiras de dentro do campo do design. Nesta visão, apoiada pelo conceito apresentado por Patricia Hill Collins (2016), é possível enxergar na margem (a borda entre o centro e a periferia) um campo de possibilidades para pensar projeto. Nesta defesa, corpos que transitam nos espaços de poder estabelecidos pela academia, mas que também transitam pelos espaços não oficializados como espaços de ensino podem ter um modo de ver e de produzir diferenciado daqueles que transitam apenas nos espaços lidos como centrais (em uma relação centro *versus* periferia).

O compromisso político firmado na tentativa de pensar e fazer design fora de uma lógica estrita do desenvolvimento, do capitalismo nos aproxima de Santos,

Cabe às pessoas decoloniais, em qualquer lugar do mundo, educar sua geração neta para que não ataque a minha geração neta. Elas só são necessárias se fizerem isso, porque é isso o que é necessário fazer. E a nós, contracolonialistas, cabe inspirar a nossa geração neta para que ela se defenda da geração neta dos decoloniais e dos colonialistas. (Santos, 2023, p. 53)

Assumir estas outras possibilidades, tanto no que nos inspira em designs outros, quanto na prática de design orientada por outras cosmovisões nos coloca em confluência com a proposta de Santos para a contracolonialidade. Ainda que nossas cosmovisões enquanto acadêmicas nos deixem mais próximas do que ele aponta como pessoas decoloniais, podemos nos envolver na luta contra o colonialismo, contribuindo para o seu enfraquecimento.

Pensar a fronteira como espaço para que o processo de design aconteça subverte a noção de dentro e fora, e nos direciona ao pensar em fluxo. A fronteira não é um lugar estável, mas de conflito, é um espaço de disputas, no qual as participantes de um projeto colocam suas habilidades e responsabilidades em jogo, e disputam as narrativas que emergem nos materiais e materialidades que tangibilizam um processo de design e seus resultados, de diversas naturezas. Neste mesmo sentido, a fronteira que delimita os espaços, divide, marca a diferença, pode se constituir campo de ação, não apenas de forma mental ou conceitual, como em uma abstração geométrica que delinea com pontos, linhas e planos, mas como campos de batalhas ou campos magnéticos, com corpos, forças, linhas, chão, texturas que dão às vidas ali presentes a possibilidade de ser e estar conforme suas visões de mundo, empunhando suas bolsas cheias de narrativas, e não suas armas, necessariamente, como nos propõe Le Guin (2021).

O transbordamento da vida para além da racionalidade moderna é tema abordado em diversas disciplinas e campos do saber. A contenção sempre foi a tônica da visão moderna de design (Noronha, 2024) e o que sobra deste processo é assustador, como monstros e fantasmas com os quais nunca quisemos alianças (Tsing *et al.* 2017). O espaço de fronteira – o design de/na fronteira – pode ser assustador da mesma forma porque não é não é um *locus* pacificado. É de turbulência, luta e especulação, deixando que outras cosmogonias e imaginações emergjam desse lugar<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> As pesquisas das quais decorrem este artigo são financiadas com bolsas de mestrado CAPES (autora 1), pós-doutorado

## 6 Considerações finais

O aprendizado de semear com Antonio Bispo dos Santos outras palavras como alternativas ao design moderno nos propõe um desafio enquanto disciplina. Em Santos, a proposta é caminhar com os diversos. Estes são os que se contrapõem ao projeto colonial, ao humanismo, ao desenvolvimento e estão em relação direta com o mundo em que habitam. Para Santos, é preciso estabelecer fronteiras.

O autor também semeia que haja respeito e diálogos de fronteira. Nestes limites, a intenção é que a disputa não tenha sempre uma vitória do projeto colonial. Embora não possamos nos considerar diversos e estejamos mais alinhados ao que ele categoriza como decoloniais, a intenção é esgarçar cada vez mais a fronteira para alcançar uma prática e um pensamento contracoloniais.

Assim, "pode ser que, no futuro, como a fronteira é um território movediço, elástico, a gente avance quando eles recuarem, ou pode ser que a gente recue quando eles avançarem" (Santos, 2023, p.17) e neste sentido, nós avancemos juntos na prática de designs que estejam engajados nas lutas locais, como propõem os designs outros, mas também na luta estrutural, como é a proposta ecossocialista.

## 7 Referências

ACOSTA, Alberto; BRAND, Ulrich. **Pós-extratativismo e decrescimento**. Saídas do labirinto capitalista. Editora Elefante e Anomalia Literária, São Paulo, 2018.

ADAPTA BRASIL MCTI. **Adapta Brasil caracteriza municípios do Rio Grande do Sul com alto risco climático**. Notícia, publicado em 21 de maio 2024. Disponível em: <https://adaptabrasil.mcti.gov.br/noticia/adaptabrasil-caracteriza-municipios-do-rio-grande-do-sul-com-alto-risco-climatico>. Acesso em 10 de jun. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal, Editora edições 70, 1977.

BICALHO, Luiz. **A autoproclamada 4ª Internacional, de Pablo e Mandel**. Uma virada para o ecletismo filosófico [parte 1]. Organização Marxista Internacionalista, corrente Marxista internacional, 20 de setembro 2018. Disponível em: <https://www.marxismo.org.br/a-autoproclamada-4o-internacional-de-pablo-e-mandel-uma-virada-para-o-ecletismo-filosofico-parte-1/>. Acesso em 30 de abril 2024.

BORGES, Leonardo Alfaiate Ferreira; RODRIGUES, Gelze Serrat de Souza Campos. Contribuições de Henrique Leff para a construção do saber ambiental: Reflexões sobre sustentabilidade e complexidade. **Revista eletrônica de geografia Observatório**, v.14, p.237-247, 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/Observatorium/article/view/70888/37013>. Acesso em 09 de jun. 2024.

CARDIN, Eric Gustavo; ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. Fronteiras e deslocamentos. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 6, p. 114-131, 2018.

D'ALISA, Giacomo; DEMARIA, Federico; KALLIS, Giorgios. **Decrescimento**. Vocabulário para um novo mundo. Editora Tomo Editorial, Porto Alegre, 2016.

DANOWSKI, Débora; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. 2ª. Ed. Desterro (Florianópolis): Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2017.

ENGELS, Friedrich. **Dialética da natureza**. Editora Boitempo, São Paulo, 2020.

ESCOBAR, Arturo. (2016), **Autonomía y diseño**. Popayán, Sello Editorial.

FERNANDES, Sabrina. Ecosocialismo a partir das margens. **Revista online Jacobina**, publicado em 20 jul. 2021. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2020/07/ecossocialismo-a-partir-das-margens/>. Acesso em 16 jun. 2024.

FERNANDES, Sabrina. **Ecosocialismo**. Una estratégia ecosocialista para ganhar el futuro. Viento Sur, publicado em 23 nov. 2023. Disponível em: <https://vientosur.info/una-estrategia-ecosocialista-para-ganar-el-futuro/>. Acesso em 14 dez. 2023.

FERNANDES, Sabrina. **Solidariedade é essencial mas a crise climática exige ações energéticas do estado**. Notícia, jornal The Intercept Brasil, maio 2024. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2024/05/07/solidariedade-e-essencial-mas-a-crise-climatica-exige-acoes-energicas-do-estado/>. Acesso em 10 de jun. 2024.

FLETCHER, Robert. Capitalizando o caos: mudanças climáticas e capitalismo do desastre. **Revista online 10 anos Climacon**, 15 de dez. 2015. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/extractivismo-intelectual/5175#>. Acesso em 10 de jun. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GAZIULUSOY, I. A critical review of approaches available for design and innovation teams through the perspective of sustainability science and system innovation theories. **Journal of Cleaner Production**, v. 107, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Editora Atlas, 6ª edição, São Paulo, 2008.

G1 MA, Rede Mirante. **Chuvas no Maranhão**: entenda a situação do estado que tem mais de 35 mil famílias afetadas pelas enchentes. Notícias, São Luis, 10 de abr. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2023/04/10/chuvas-no-maranhao-entenda-a-situacao-do-estado-que-tem-mais-de-35-mil-familias-afetadas-pelas-enchentes.ghtml>. Acesso em 10 de jun. 2024.

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS, Defesa Civil. Cheia 2022. Relatório atualizado - Situação dos municípios. 2022. Disponível em: <https://www.defesacivil.am.gov.br/wp-content/uploads/2022/05/Relatorio-Enchente-2022-27.05.pdf>. Acesso em 10 de jun. 2024.

GRESPLAN, Jorge. **Marx**. Uma introdução. Editora Boitempo, São Paulo, 2021.

GUTIÉRREZ BORRERO, Alfredo. (2015a), “El Sur del diseño y el diseño del Sur”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa & CUNHA, Teresa. **Actas Colóquio Internacional Epistemologias do Sul: aprendizagens globais Sul-Sul, Sul-Norte e Norte-Sul**. Coimbra, Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado.

HALL, Stuart. A questão multicultural. In. HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

IBARRA, Maria Cristina. **Por um Design Sentipensante**: aproximações a perspectivas latinoamericanas para praticas e experimentar design. In: <https://design.ufc.br/pt/anais-ii-coloquio-pesquisa-e-design/>, 2021, Fortaleza. Anais do II Colóquio de Pesquisa e Design: De(s)colonizando o Design. Fortaleza: Nadifundio, 2021.

IRWIN, Terry. Transition Design: A Proposal for a New Area of Design Practice, Study, and Research, **Design and Culture**. Design and Culture, v.7, n. 2, 2015, p.229-246.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LE GUIN, U. K. **A teoria da bolsa de ficção**. São Paulo: n-1 edições, 2021. Disponível em: [https://www.academia.edu/44858388/A\\_Fic%C3%A7%C3%A3o\\_como\\_Cesta\\_Uma\\_Teoria\\_The\\_Carrier\\_Bag\\_Theory\\_of\\_Fiction\\_Ursula\\_K\\_Le\\_Guin](https://www.academia.edu/44858388/A_Fic%C3%A7%C3%A3o_como_Cesta_Uma_Teoria_The_Carrier_Bag_Theory_of_Fiction_Ursula_K_Le_Guin)

LIMA, Celso; JALLAGEAS, Neide. **Vkhutemas**. Desenho de uma revolução. Editora Kinoruss, São Paulo, 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. Editora Atlas, 5ª edição, São Paulo, 2003.

MANOEL, Jones; LANDI, Gabriel. **Revolução africana**. Uma antologia do pensamento Marxista. Editora Autonomia Literária, 2020.

MARX, Karl. **O capital**. Crítica da economia política. Versão online, site Arquivos Marxistas na Internet, Português, 1867 Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/index.htm>. Acesso em 30 de maio 2024.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Editora Expressão Popular, 2 ed. São Paulo, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde.

Editora Hucitec, 14ª edição, São Paulo, 2014.

MIGNOLO, W. Colonialidade. O lado mais escuro da modernidade. **RBCS**. Vol.32, n.94, junho de 2017.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. Fronteira: Espaço de referência Identitária?. **Ateliê Geográfico** (UFG), v. Vol. 0, p. 1-15, 2007.

NORONHA, Raquel. Narrativas em design e gênero: crítica e especulação para futuros possíveis. In: ALMEIDA, Ana Julia Melo; FLESLER, Griselda; LOSCHIAVO, Maria Cecília, NORONHA, Raquel. **Design e gênero: experiências coletivas de ensino**. São Luís: EDUFMA, 2024.

NORONHA, Raquel; Furtado, Pedro Amador. Designs do por vir: vida, movimento e corporeidade. **Anais do VII Simpósio de Design Sustentável**, 2021, p.10-20. Curitiba: UFPR, Disponível em: <https://eventos.ufpr.br/sds/sds/paper/view/4570/1060>

NORONHA, Raquel. The collaborative turn: challenges and limits on the construction of the common plan and on autonomy in design. In: **Strategic Design Research Journal**, Unisinos, (vol. 11, n. 2, p. 125-135, May-August). 2018.

PORTELA, Imaira; MENEZES, Yasmin; FRANÇA, Daniella; CARVALHO, Ricardo Artur Pereira. Sou uma outsider within: uma formação em design para além do currículo. **Projetica**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 153–165, 2022. DOI: 10.5433/2236-2207.2022v13n3p153. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/46936>. Acesso em: 27 jun. 2024.

PRECIADO, Paul. **Dysphoria mundi**. O som do mundo desmoronando. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

RÁDIO E TELEVISÃO DA TURQUIA, TRT. **Coronavírus última situação (Covid-19)**. Dados referentes aos casos que a Universidade Johns Hopkins, s.a. Disponível em: <https://www.trt.net.tr/portuguese/covid19>. Acesso em 10 de jun. 2024.

RIBEIRO, Darcy. **A Universidade necessária**. Editora Paz e Terra, 2ª edição, Rio de Janeiro, 1975.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**. Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SALLEH, Ariel. Ecosocialismo-ecofeminismo. **Revista Ecología Política**, n.2, janeiro 1992. Disponível em: <https://www.ecologiapolitica.info/producte/02-ecologia-politica/>. Acesso em 1 de jun. 2024.

SUASSUNA, Lívia. Pesquisa qualitativa em educação e linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v.26, n.2, p.341-377, jan-jun. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795x.2008v26n1p341>. Acesso em 12 de jun. 2024.

TSING, Anna *et al.* **Arts of living on a damaged planet**. Minneapolis: University of Minnesota Press,



2017.